



## UMA PROPOSTA PARA A ABORDAGEM DOS GÊNEROS EM SALA DE AULA

Glaucia Muniz Proença Lara

(Doutora em Semiótica e Lingüística Geral – Faculdade de Letras/UFMG –  
[gmplara@gmail.com](mailto:gmplara@gmail.com)).

**Resumo:** Retomando as concepções de M. Bakhtin no quadro dos estudos textuais/discursivos, propomos que a abordagem dos gêneros na escola se dê não a partir de suas regularidades, o que tem sido feito tradicionalmente, mas do ponto de vista da “transgressão”, noção inspirada na intertextualidade inter-gêneros de L. Marcuschi, que ocorre quando um gênero assume a função ou a forma de outro. Essa proposta tem a vantagem de favorecer uma reflexão mais crítica e profunda sobre a noção de gêneros, pois leva os alunos a reconhecerem as especificidades de diferentes gêneros, observando, ao mesmo tempo, como elas se articulam e se “desviam” na construção de determinados efeitos de sentido (de humor, de surpresa etc). Como pretendemos mostrar, experiências desenvolvidas com alunos de Letras e cursos afins da UFMG têm-se mostrado produtivas como forma de contribuir para a formação de leitores/produtores de textos proficientes na utilização dos gêneros, em diferentes situações.

**Palavras-chave:** discurso; gêneros; transgressão; ensino.

**Résumé:** En reprenant les conceptions de M. Bakhtine dans le cadre des études textuelles/discursives, nous proposons l’enseignement des genres à l’école non pas du point de vue de leurs régularités, comme on fait traditionnellement, mais à partir de la «transgression», notion inspirée de la «intertextualité inter-générique» de L. Marcuschi, comprise comme la situation dans laquelle un genre prend la fonction ou la forme d’un autre. Cette approche favorise une réflexion plus critique et plus profonde sur la notion de genres, parce qu’elle permet aux élèves de reconnaître les spécificités des différents genres et, au même temps, d’observer comment celles-ci s’articulent et se «détournent» pour construire des effets de sens (d’humeur, de surprise etc.). Comme nous avons l’intention de montrer, quelques expériences développées avec des étudiantes de Lettres et d’autre cours similaires de l’UFMG prouvent l’efficacité de cette approche pour la formation de lecteurs/producteurs de textes capables de bien utiliser les genres, dans des différentes situations.

**Mots-clés:** discours; genres; transgression; enseignement.

### 1. Introdução:

Os gêneros do discurso fazem parte da nossa vida. Como afirma Marcuschi (2002, p. 22), “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero. Tornam-se, por essa razão, merecedores de atenção e análise. Constatamos, assim, que um número, cada vez maior, de pesquisadores tem-se debruçado sobre o estudo dos gêneros, buscando descrever suas especificidades e mostrar seu funcionamento. Além disso, eles vêm ganhando, cada vez mais, um espaço considerável no ensino da língua materna, sobretudo com o aval dos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*- PCNs (1998).

No entanto, vemos que a escola tem-se pautado por uma ótica mais tradicional no/para o ensino dos gêneros, focalizando muito mais as coerções, as regularidades, do que a liberdade de que o sujeito falante dispõe para operar com eles. Com isso, ela acaba por adotar um viés normativo na abordagem dos gêneros, viés muito próximo, aliás, daquele assumido para o ensino de gramática (FIORIN, 2006, p. 60). Apenas para citarmos um exemplo, a pesquisa de Brun (2008) constatou que, em quatro livros (volume único) de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, todos recomendados pelo PNLEM (2006), havia um único exercício, num deles, focalizando a hibridização ou mescla de gêneros.

Além disso, não podemos perder de vista que o aluno/leitor – de textos e gêneros – não pode mais ser visto como uma instância abstrata ou universal, que recebe apenas, de forma passiva, os sentidos depositados no texto, mas, antes, como um “centro do discurso”, que constrói, interpreta, avalia, aprecia, compartilha ou rejeita as significações (BERTRAND, 2005).

No presente trabalho, partiremos das concepções de Bakhtin rumo ao quadro mais amplo das teorias do texto/do discurso<sup>1</sup>, buscando propor uma metodologia alternativa para o ensino dos gêneros na/pela escola: abordá-los não a partir de suas regularidades, o que tem sido feito tradicionalmente, mas do ponto de vista da transgressão, isto é, da hibridização ou mescla de gêneros em um mesmo espaço textual, tal como explicaremos detalhadamente, na seção 3.

Essa abordagem alternativa tem a vantagem de favorecer uma reflexão mais crítica e profunda sobre a noção de gêneros, uma vez que leva os alunos a reconhecerem as especificidades de diferentes gêneros, observando, ao mesmo tempo, como elas se articulam e se “desviam” na construção de determinados efeitos de sentido (de humor, de surpresa, etc).

---

<sup>1</sup> Embora reconheçamos que *texto* e *discurso* não se equivalem, uma vez que o texto constitui a materialização do discurso, consistindo, pois, na junção de um plano de conteúdo (o do discurso) com um plano de expressão (cf. FIORIN, 1995), não traçaremos, no presente trabalho, uma fronteira rígida entre as duas noções, tomando-as como as duas faces de uma mesma moeda, o que nos permitirá falar, indiferentemente, de “gêneros discursivos/do discurso” ou de “gêneros textuais”. Trata-se, evidentemente, de uma situação confortável, pois nos permite incorporar contribuições de pesquisadores ligados a disciplinas diferentes, como, por exemplo, a Linguística Textual e a Análise do Discurso Francesa.

Logo, se levarmos em conta esse *aluno-leitor ativo*, descrito por Bertrand, teremos que admitir que os parâmetros que normatizam os gêneros – levando-nos a reconhecê-los e a operar produtivamente com eles – não apagam o papel ativo dos sujeitos, que podem respeitar esses gêneros, mas também podem subvertê-los ou transgredi-los, como propõe Charaudeau (1992), para quem o texto se produz como resultado de uma confrontação entre as coerções do gênero e as estratégias assumidas pelo locutor.

Nessa mesma perspectiva, Marcuschi (2002) afirma que, se os gêneros, enquanto entidades sócio-discursivas, contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia, eles não constituem instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Trata-se, ao contrário, de fenômenos maleáveis e dinâmicos que surgem, modificam-se e mesmo desaparecem, em função das necessidades e das atividades (relacionadas às diferentes esferas de utilização da língua) presentes numa dada sociedade.

Concordando com os autores citados, assumimos que o gênero se situa na “zona de tensão” entre um conjunto de restrições – ou de regularidades – e um horizonte de possibilidades – ou de variações possíveis, o que implica um sujeito capaz de operar sobre o convencional, sobre o previamente instituído, assumindo-o ou subvertendo-o, em busca da construção de outros (novos) efeitos de sentido. Essa questão passa, naturalmente, pela existência de gêneros mais (ou menos) padronizados.

## **2. Na esteira de Bakhtin**

Se a reflexão sobre os gêneros de discurso remonta à Antigüidade Clássica, é a Bakhtin, já no século XX, que devemos sua retomada e ampliação para além das tradições da Retórica e da Poética. O autor tornou-se, assim, não apenas uma referência para grande parte dos pesquisadores das ciências da linguagem (como atesta o grande número de trabalhos, vinculados a disciplinas que vão da Teoria Literária à Análise do Discurso e que, via de regra, retomam, em maior ou menor grau, as concepções do teórico russo), mas também para o ensino de línguas (como comprova a incorporação da noção de gêneros, de inspiração bakhtiniana, nos PCNs ).

Segundo Bakhtin (1992, p. 279-287), quando o locutor utiliza a língua numa determinada esfera da atividade humana, ele o faz sob a forma de “enunciados (orais e escritos) concretos e únicos” que passam a refletir as condições específicas e as finalidades de cada uma delas. O enunciado é tomado, pois, como “a unidade real da comunicação verbal”, definição essa que o aproxima da concepção atual de texto.

Nessa perspectiva, os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas por seu “conteúdo temático” (que remete aos assuntos das diferentes atividades humanas), por seu “estilo” (seleção operada nos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e por sua “construção composicional” (que corresponde, grosso modo, à estrutura textual e às relações que se instituem entre os parceiros da comunicação).

As esferas de utilização da língua passam, pois, a compor um “repertório de tipos relativamente estáveis de enunciados” que são os “gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1992, p. 279). Esses gêneros são considerados inesgotáveis pela riqueza e variedade que representam a partir das inúmeras esferas de atividades humanas e pela capacidade de ampliar-se a partir dos tipos estáveis<sup>2</sup>. O conceito de gêneros adquire, pois, um caráter mais amplo, referindo-se também aos textos que empregamos nas situações cotidianas de comunicação.

Vemos que a definição de gênero proposta por Bakhtin atesta, sem dúvida alguma, uma certa estabilidade (ou normatividade) nas produções verbais dos falantes. No entanto, ao caracterizar os gêneros como tipos *relativamente* estáveis de enunciados, o autor abre espaço para a *transgressão* (uma das formas de hibridização de gêneros), questão que nos interessa mais de perto no presente trabalho.

### **3. Transgressão: o que é, como se faz**

Embora *transgredir* seja um termo forte, tomado no sentido corrente como “desobedecer a, deixar de cumprir, infringir, violar, postergar”, como consta do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1985, p. 1701), preferimos tomá-lo nesta outra acepção, também presente no mesmo dicionário: “Passar além de, atravessar”, o que, no âmbito do presente trabalho, implica *ir além de* um dado gênero, ultrapassá-lo para construir outros (novos) efeitos de sentido.

Veremos que alguns autores que se têm debruçado sobre essa questão usam terminologias diferentes para conceitos que, muitas vezes, se aproximam dos nossos. A título de ilustração citaremos alguns deles. Mas, antes, queremos deixar claro que, quando se pensa num trabalho que envolve dois (ou mais) gêneros, pelo menos três vertentes são possíveis:

---

<sup>2</sup> Segundo Marcuschi (2002, p. 29), pesquisas feitas por linguistas alemães chegaram a arrolar mais de 4000 gêneros, o que atesta não apenas a riqueza desses “artefatos lingüístico-discursivos”, mas também nossa incapacidade de apreendê-los em sua totalidade. Daí, segundo o autor, a desistência, cada vez maior, de teorias com pretensão a uma classificação geral dos gêneros.

a) A *incorporação*, quando um gênero se articula a outro para reforçá-lo. É o que ocorre, por exemplo, quando um anúncio publicitário de produtos de beleza abre espaço para depoimentos de consumidores(as). Nesse caso, cada um dos dois gêneros – publicidade e depoimento – mantém sua autonomia de forma e função, apontando, no entanto, para uma “função” maior, que é própria do primeiro: a de vender tais produtos.

b) A *retextualização*, quando um texto de um dado gênero é reescrito, de modo a transformar-se num outro gênero. Essa vertente, desenvolvida amplamente por Del’Isolla (2007), implica, por exemplo, transformar uma reportagem sobre moradia num regulamento de condomínio ou uma notícia numa tira humorística. Aqui, a transformação se dá por completo: a forma e a função do gênero primeiro são “substituídas” pelas do gênero segundo.

c) A *transgressão*, quando um gênero assume a função de outro, emprestando-lhe, ao mesmo tempo, sua forma. Por exemplo, um anúncio publicitário sob a forma de um verbete de dicionário (vide LARA, 2005/2006) ou um convite sob a forma de uma bula de remédios. Nos dois casos, mantém-se a função do gênero primeiro (o que denominamos *transgredido*): vender um dado produto ou convidar alguém para um evento. Essas funções são assumidas, então, pelo gênero *transgressor* (no caso o verbete e a bula)<sup>3</sup>. Ou seja, há uma espécie de camuflagem de um gênero por outro.

É, portanto, a perspectiva c) que nos interessa aqui. Como se vê, ela retoma, com pequenas modificações (sobretudo terminológicas), aquilo que Marcuschi (2002), na esteira de Ursula Fix, chama de “intertextualidade inter-gêneros”. Trata-se do “aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro”, o que subverte o modelo global de um gênero pela violação de seus cânones (MARCUSCHI, 2002, p. 31). Citando, como exemplo desse fenômeno, o caso em que um artigo de opinião assume o formato de um poema, o autor afirma que não haveria dificuldades interpretativas, uma vez que o predomínio da função supera a forma na determinação do gênero. Assim, o leitor recuperaria, sem maiores problemas, o gênero funcional (artigo de opinião), apesar de o formato remeter a um outro gênero.

Chaves (2008), por sua vez, prefere falar de “intertextualidade intragenérica” para se referir ao comportamento heterogêneo de certos gêneros discursivos, sobretudo daqueles que estão menos submetidos a uma coerção prescritiva da parte do domínio discursivo que os produz. A expressão “intertextualidade intragenérica”, como explica a autora, foi forjada pela

---

<sup>3</sup> O uso dos termos *transgressor* e *transgredido*, tal como foram aqui definidos, é bastante cômodo no momento da análise. Reconhecemos, no entanto, a fragilidade da distinção, que depende, antes de mais nada, do ponto de vista assumido (poderia, perfeitamente, ser o contrário numa outra perspectiva).

articulação da “dimensão dialogal intragenérica”, proposta por Brandão (2007), com a “intertextualidade inter-gêneros” de Marcuschi (2002). Teríamos, assim, “um tipo particular de intertextualidade, em que um gênero enunciante (GE) [...] assume a forma e por vezes mesmo a função de um outro gênero, efetivamente enunciado (GE’), cuja cena genérica prototípica pertence a um domínio discursivo exterior” (CHAVES, 2008, p. 2).

Já Miranda (2007), ao abordar o “cruzamento de gêneros”, usa o termo “intertextualização”, definindo-a da seguinte maneira:

Este processo pode ser sumariamente definido como aquele em que se estabelece uma relação de co-presença entre elementos (ou traços) associáveis a parâmetros de textualização que relevam de gêneros textuais diferenciados (dois ou mais) no espaço de um único texto. Em outras palavras, um dado texto que se inscreve em um gênero textual determinado, recorre à intertextualização quando introduz traços que se associam a outros gêneros diferentes do próprio. (MIRANDA, 2007, p. 1047).

Cabe esclarecer que *intertextualização* e *intertextualidade* não se confundem: a intertextualidade (tomada em sentido estrito) implica “pôr em co-presença dois ou mais textos empíricos em um mesmo espaço textual” (MIRANDA, 2007, p. 1047). Não envolve, portanto, gêneros (como a intertextualização), mas textos empíricos. A autora retoma ainda o conceito de “intertextualidade inter-gêneros” proposto por Marcuschi (2002), na esteira de Fix, para lembrar que, embora tal noção se aproxime da de intertextualização, esta não se limita aos casos em que existe uma mescla de formas e funções de gêneros, como propõe Marcuschi. Trata-se, portanto, de uma noção mais ampla, em que o “gênero convocado” (ou hipogênero) pode preencher a totalidade do texto (pastiche global de um gênero) ou ser integrado como parte(s) do texto<sup>4</sup>. Nesse caso, o hipogênero serve, de alguma forma, aos interesses do hipergênero, ou seja, do “gênero convocante”.

Finalmente, Maingueneau (1993, p. 102-104), ao estudar os fenômenos da heterogeneidade discursiva, propõe a noção de *imitação* que, segundo ele, pode incidir sobre um texto particular (e seu gênero) ou apenas sobre um gênero (não remetendo, portanto, a nenhum texto específico). Seriam duas as formas de imitação (de textos e/ou de gêneros): *captação* e *subversão*. Acreditamos que a noção de transgressão aqui proposta aproxima-se mais da noção de captação de Maingueneau, uma vez que por subversão o autor entende a

---

<sup>4</sup> Além disso, o hipogênero pode ser atualizado, caso em que se atém aos parâmetros do gênero, ou ficcionalizado, quando introduz elementos não previstos no gênero em questão. Essa última noção se aproxima do que chamamos de “estilização” em outro trabalho (vide LARA, 2007), entendendo tal noção, de forma simplificada, como o ato ou efeito de “modificar, suprimindo, substituindo e/ou acrescentando, elementos para obter determinado(s) efeito(s) estético(s)” (cf. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 721). No caso, tratava-se de um anúncio publicitário de uma instituição bancária (gênero funcional) sob a forma de uma fábula que, no entanto, apresentava parâmetros um pouco diferenciados dos de uma fábula tradicional (prototípica).

desqualificação de um texto/gênero no próprio movimento de sua imitação (o que lembra a paródia). Ora, nos textos com que trabalhamos até agora, oriundos de diferentes domínios: publicitário, de imprensa, científico, administrativo, literário etc, os gêneros transgressores agem muito mais no sentido de valorizar (ou reforçar) os gêneros transgredidos, construindo efeitos de sentido diversos (de surpresa, de estranhamento, de humor etc), do que no sentido de desqualificá-los. Esta é, evidentemente, uma possibilidade que não pode ser descartada *a priori*, quando falamos de “transgressão”, mas que não ocorreu nos *corpora* que já examinamos.

No entanto, Maingueneau não aceita a idéia de “transgressão” de gêneros. O que ocorre, na sua opinião, é uma mudança de cenografia nos gêneros menos padronizados. Quanto a essa questão, o autor propõe quatro modos de genericidade instituída, que vão do modo I (mais padronizado, como é o caso de fichas administrativas, catálogo telefônico, registros de cartório etc) ao modo IV (mais criativo, o que remete aos gêneros literários). Nos modos intermediários, estariam os gêneros que seguem uma cenografia preferencial ou esperada, mas toleram desvios (modo II), como, por exemplo, um programa político-eleitoral em forma de carta; ou aqueles que incitam à inovação (modo III), não apresentando, portanto, uma cenografia preferencial (embora, com o tempo, possam tornar-se estereotipados), como ocorre em publicidades, músicas e programas de TV (MAINGUENEAU, 2004, p. 50-53).

Assim, teríamos textos que se limitariam a cumprir seu contrato genérico (como os do modo I acima) e outros que, por incitarem à inovação, requerem a invenção de cenografias variadas, caso em que um gênero poderia assumir, integralmente, o formato de outro (como o exemplo apresentado no modo II acima, que tomaríamos como transgressão) ou apenas introduzir elementos não esperados pelos/nos parâmetros de um dado gênero. Isso ocorre no exemplo, citado pelo autor (MAINGUENEAU, 2001, p. 89), de um guia de turismo que, embora siga as normas impostas pelo gênero (definição de lugares dignos de ser visitados, informações práticas, como horário de funcionamento, acesso etc), não se limita a cumprir uma cena genérica do tipo didático, habitual no gênero “guia”; ao contrário, põe em cena o estilo falado de um enunciador jovem que se dirige a outros jovens (no estilo “mochileiro”), o que resulta numa cenografia original. Diante disso, o que chamamos de transgressão seria um caso particular de mudança de cenografia.

Lembramos que, para o autor, seriam três as cenas da enunciação: 1) a cena englobante (domínio de discurso); 2) a cena genérica (gênero do discurso); 3) a cenografia, ou seja, aquilo com que se defronta o leitor diretamente, sendo, portanto, uma cena construída pelo

próprio texto, o que implica que um anúncio publicitário de um produto para emagrecer possa ser “encenado” como uma conversa ao telefone (MAINGUENEAU, 2001, p. 86),

*Transgressão, intertextualidade inter-gêneros, intertextualidade intragenérica, intertextualização, imitação/captação, mudança de cenografia.* A diversidade de termos/conceitos, ainda que haja pontos significativos de convergência entre eles, mostra que não se trata de uma questão simples. Aliás, a dificuldade de abordar a noção (mais ampla) de hibridismo ou mescla de gêneros é corolária da própria complexidade e extensão do conceito de gêneros. Afinal de contas, nem sempre é fácil decidir sobre os limites entre um gênero e outro, reconhecer subgêneros no interior de um gênero maior e mesmo arrolar critérios que permitam enquadrar um determinado texto/discurso num gênero “x” e não num gênero “y”.

Essa dificuldade leva Mari & Silveira (2004, p. 65) a admitirem que a concepção de gêneros apresenta uma “mobilidade prática” ou uma “funcionalidade intuitiva” inversamente proporcional à sua clareza conceitual. Ou seja, mesmo não sabendo explicitar o que entendem por gêneros, os usuários são capazes de reconhecê-los e de operar, de forma produtiva, com os diferentes gêneros que circulam socialmente, percebendo, inclusive, as transmutações que sofrem e as quebras de expectativa que os afetam

Afirmando que um dos problemas centrais no cruzamento de gêneros em um texto é exatamente reconhecer o fenômeno, Miranda (2004, p. 1048) se pergunta: como é possível identificar os gêneros em interação? Ora, como a própria autora responde, o reconhecimento do que ela chama intertextualização, é possível pela presença dos “marcadores de gênero”. Trata-se de pistas semióticas (verbais, como o léxico, a sintaxe, a posição enunciativa, ou não verbais, como a apresentação do material e a variação cromática) que permitem ao leitor identificar os parâmetros que apontam para um dado gênero.

É por isso que, num anúncio publicitário de uma cachaça que assume o formato de um verbete de dicionário, marcas como a expressão ritualizada “Consuma com moderação” ou o endereço eletrônico para a aquisição do produto, permitem resgatar o gênero publicidade, “camuflado” pelo verbete (vide LARA, 2005/2006). Aliás, Miranda (2004, p. 1048) destaca que, nos casos de pastiches que incidem sobre a totalidade do texto (casos que tratamos como transgressão), podem ocorrer apenas marcadores do hipogênero (ou gênero transgressor, na nossa terminologia), sendo o hipergênero (ou gênero transgredido, para nós), recuperável por outros aspectos que não os semióticos, como os elementos situacionais (produtor, suporte etc), por exemplo.

Apesar das dificuldades que um trabalho com a mescla de gêneros suscita, os pontos de vista de Mari & Silveira (2004) e de Miranda (2007) mostram que é possível adotar essa

abordagem para o ensino de gêneros na/pela escola, ao invés de assumir a postura mais tradicional de estudá-los apenas pelo viés de suas regularidades e coerções. Mesmo porque, para transgredir, nos moldes que estamos propondo, é preciso que os alunos – leitores e produtores de textos – reconheçam antes os parâmetros genéricos ou os condicionamentos dos gêneros que se cruzam num mesmo espaço textual.

Na próxima seção, descreveremos o trabalho que temos realizado com alunos de graduação e de pós-graduação de Letras e cursos afins, no âmbito do projeto maior “Gêneros do discurso e ensino” que vimos desenvolvendo na Faculdade de Letras da UFMG, desde março de 2007. Terminaremos apresentando alguns textos, envolvendo a transgressão, que foram produzidos pelos próprios alunos participantes.

#### **4. Experimentando a transgressão**

Nosso trabalho tem privilegiado textos do domínio midiático (sobretudo textos publicitários), uma vez que se trata de gêneros menos padronizados (modo III de genericidade instituída, na visão de MAINGUENEAU, 2004) e, portanto, mais propícios à transgressão ou à mudança de cenografia, como propõe o autor. Chaves (2008), por sua vez, admite que a mescla de gêneros – ou a intertextualidade intragenérica, como prefere – corresponde atualmente a uma estratégia cada vez mais recorrente no discurso midiático. Daí nossa preferência por esse domínio, embora, como se verá mais adiante, não nos restrinjam a ele.

O passo inicial (1ª. etapa) é familiarizar os alunos com a concepção de gêneros e com a noção correlata de transgressão (ou similar). Embora essa última noção não seja ainda muito explorada no âmbito das teorias do texto/do discurso, dispomos de excelente material teórico-metodológico, como mostram os trabalhos e autores citados na seção anterior (ver referências completas no final do artigo).

Em seguida (2ª. etapa), buscamos aplicar as noções estudadas em textos empíricos de um banco de dados que estamos organizando (e que pretendemos disponibilizar aos professores/pesquisadores interessados na etapa final do projeto, prevista para 2010). Alguns exemplos desses textos podem ser consultados em LARA (2005/2006; 2007). Nessa perspectiva, diante de textos em que ocorre transgressão, os alunos, com o auxílio do professor, são levados a identificar as especificidades do gênero transgressor, ou seja, aquele que empresta a forma (também chamado de *hipogênero* ou de *gênero enunciado* em outras abordagens) e do gênero transgredido, isto é, aquele que mantém a função (*hipergênero* ou *gênero enunciante*). Por exemplo, no caso de um artigo de opinião apresentado sob a forma de

uma carta, o gênero funcional artigo de opinião seria o transgredido e a carta, o gênero transgressor, já que ele camufla o primeiro, ocupando a totalidade do espaço textual.

Lembramos que por transgressão, entendemos o processo em que ocorre uma mescla de gêneros, na qual um deles assume a função do outro, emprestando-lhe, ao mesmo tempo, sua forma. Portanto, para nós não basta a presença de “traços” de um outro gênero para caracterizar a transgressão, como acontece em propostas mais amplas (como é o caso da intertextualização ou da mudança de cenografia, abordadas no item 3).

A identificação dos gêneros que se cruzam depende, como vimos, dos “marcadores de gênero”. No trabalho aqui descrito, assumimos os três componentes propostos por Bakhtin: *conteúdo temático*, *estilo verbal* (acrescido de elementos não verbais, se for o caso) e *construção composicional*. Outra possibilidade seria adotar a proposta de Miranda (2007), que fala de marcadores *composicionais* (que remetem à organização do plano de texto: títulos, figuras, legendas); *disposicionais* ou *materiais* (como a variação tipográfica e a paginação), *interativos* (que implicam redundâncias entre o verbal e o não verbal); *temáticos* (que resultam da organização léxico-semântica); *enunciativos* (relacionados aos indicadores de pessoa, tempo e espaço); *estratégicos* ou *intencionais* (atos de linguagem, presença ou ausência de elementos valorativos etc)<sup>5</sup>. Ou ainda observar os aspectos arrolados por Marcuschi (2002): 1) natureza da informação/do conteúdo veiculado; 2) nível de linguagem (formal, informal etc); 3) tipo de situação (pública, particular, solene etc); 4) relação entre os participantes (conhecidos, desconhecidos, de mesmo nível social etc); 5) natureza dos objetivos.

Depois disso (3ª. etapa), os alunos escolhem livremente textos transgressivos e os analisam da mesma maneira (ou seguindo a mesma metodologia), porém sem a ajuda do professor. Os trabalhos, feitos geralmente em grupo, são apresentados em forma de seminário e incluem ainda a produção de um texto que envolva a transgressão (utilizando-se, nesse caso, os mesmos gêneros do texto tomado como objeto de análise, ou não).

A título de ilustração, listamos abaixo (vide quadro 1), aleatoriamente e sem a preocupação de exaustividade, alguns exemplos de textos transgredidos e transgressores que foram trabalhados pelos alunos (de graduação e de pós-graduação) de algumas turmas que assumimos desde março de 2007, em disciplinas como “Oficina de textos” e “Introdução à análise do discurso”:

---

<sup>5</sup> A autora também distingue os marcadores *auto-referenciais* (os que explicitam o gênero do texto, como as etiquetas colocadas no peritexto: entrevista, carta do leitor etc) e os *inferenciais* (aqueles que indicam os parâmetros genéricos de modo implícito ou indireto, como o léxico, a sintaxe e a organização enunciativa etc), como é o caso dos marcadores que acabamos de descrever (cf. MIRANDA, 2007, p. 1048-1049).



**Quadro 1**

| <b>Gênero transgredido</b>        | <b>Gênero transgressor</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Anuncio publicitário              | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Poema</li> <li>- Carta pessoal</li> <li>- Quadrinhos</li> <li>- Manual de instruções</li> <li>- Teste de múltipla escolha</li> <li>- Manifesto</li> <li>- Peça de teatro</li> <li>- Carteira de identidade</li> <li>- Capa de revista</li> <li>- Pictograma</li> </ul> |
| Artigo de opinião                 | Classificados                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Crônica jornalística              | Carta pessoalclassificados                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Documentário<br>Panfleto político | Quadrinhos                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Receita culinária<br>Horóscopo    | Poema                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Poema                             | Estatuto                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Conto                             | Narrativa bíblica                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Declaração de amor                | Bula de remédio<br>Petição                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Pregação religiosa                | Bula de remédio<br>Cartão comercial                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Convite                           | Bula de remédio                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Notícia/informe                   | Poema<br>Receita culinária                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

Examinando o **quadro 1**, podemos chegar a algumas constatações (ainda que parciais) sobre o trabalho com a transgressão de gêneros:

a) a publicidade, de fato, tem-se valido da transgressão como recurso para promover seus produtos, destacando-os no mar de ofertas que cercam o consumidor no seu dia a dia. Os gêneros transgressores são bastante variados (poema, carta pessoal, quadrinhos, manual de instrução etc), ultrapassando largamente o domínio midiático;

- b) os gêneros de imprensa (notícia, classificados, crônica jornalística, artigo de opinião etc) também situados no domínio midiático, mostram-se igualmente propícios à transgressão, o que faz desse domínio um espaço privilegiado para o estudo desse fenômeno;
- c) um mesmo gênero pode transgredir ou ser transgredido. É o que acontece, por exemplo, com o poema: transgredido no caso do estatuto e transgressor, no da publicidade, da receita culinária, da notícia e do horóscopo;
- d) mesmo os gêneros mais padronizados (como a bula de remédios ou a carteira de identidade) são passíveis de transgressão, mas, ao que tudo indica, eles aparecem preferencialmente na posição de transgressores;
- e) a transgressão não se limita a um mesmo domínio, havendo intensa circulação entre gêneros oriundos de domínios diferentes. Por exemplo, um panfleto (domínio político) pode transformar-se em quadrinhos (domínio midiático) ou uma pregação (domínio religioso) pode assumir a forma de uma bula de remédios (domínio científico).

A título de ilustração, apresentamos, em anexo, três exemplos, dentre os muitos que constam do nosso acervo, de textos transgressivos de diferentes gêneros, que foram produzidos por alunos de graduação em Letras (UFMG) de duas turmas: uma de “Oficina de textos em língua portuguesa” e a outra de “Introdução à análise do discurso”, disciplinas por nós oferecidas no 1º. semestre de 2008. Analisando-os, percebemos que seus autores, de fato, compreenderam a transgressão e foram capazes de operar produtivamente com ela, o que comprova a eficácia do ensino de gêneros pelo viés alternativo que estamos propondo.

Pode-se alegar que, por se tratar de uma abordagem que envolve maior complexidade, ela seria pouco viável para alunos do Ensino Básico. No entanto, foi realizado, com alunos da Oficina de Alfabetização e Letramento Digital (Centro Comunitário do Barreiro/Belo Horizonte), um trabalho de leitura e interpretação de textos midiáticos, sobretudo anúncios publicitários, sob a ótica da transgressão, e os resultados também se mostraram satisfatórios, apesar de os alunos terem apresentado um grau maior de dificuldade na produção do texto transgressivo. Isso sugere a necessidade de mais tempo para desenvolver esse tipo de experiência no Ensino Básico, sobretudo quando se trata de turmas mais fracas<sup>6</sup>, como foi o caso; não invalida, porém, a nossa proposta.

---

<sup>6</sup> A Oficina de Letramento e Inclusão Digital (CAC Barreiro) inclui-se entre as atividades realizadas pelo Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão *A tela e o texto* (Faculdade de Letras/UFMG), que tem como principal objetivo melhorar o nível de leitura da população de baixa renda. A oficina em questão, conta com um público bastante heterogêneo (adolescentes do Programa de Liberdade Assistida, pacientes de saúde mental e pessoas da terceira idade), o que pode explicar as dificuldades de escrita apresentadas por seus integrantes/alunos. O trabalho, orientado por nós, foi conduzido pela professora da turma, Juliana Xavier de Castro, então aluna de

## 5. Conclusão

Os gêneros do discurso, tomados como “formas socialmente maturadas em práticas comunicativas”, funcionam como geradores de expectativas de compreensão mútua (MARCUSCHI, 2002, p. 35). Não são, no entanto, algo pronto e acabado, mas conjuntos de regularidades discursivas que, como tais, se prestam a deslocamentos, desvios e rupturas. Aliás, o próprio Bakhtin parece já ter previsto essas possibilidades quando conceituou os gêneros como tipos *relativamente* estáveis de enunciados, elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua.

Essa margem possível de manobra de que o sujeito dispõe para trabalhar com e sobre os gêneros é que propicia uma abordagem alternativa como a que aqui se propõe. Se queremos formar leitores/produtores de textos mais críticos e dinâmicos, cidadãos que se integrem plenamente ao contexto atual globalizado – em que a mobilidade é grande – precisamos fornecer-lhes instrumentos adequados para transitar entre diferentes gêneros e domínios, reconhecendo e respeitando suas especificidades, mas também sendo capazes de “jogar” com elas, subvertendo-as, transgredindo-as, em busca de determinados efeitos de sentido.

Para nós, a questão fundamental que se coloca é, pois, a de buscar a articulação entre as coerções e o espaço de “liberdade” do sujeito/enunciador no trabalho com os gêneros, investindo mais nesta do que naquelas se queremos formar o *aluno-leitor* (e – acrescentamos – *produtor de textos*) ativo de que nos fala Bertrand (2003).

Como afirma Charaudeau (2004, p. 19), “aceitar que existem gêneros é reconhecer que a produção linguageira é submetida a restrições. Mas em que nível estas restrições intervêm?” As reflexões aqui apresentadas buscaram responder – mesmo que de forma provisória e parcial – a essa questão. Se elas servirem de ponto de partida para novas experiências pelo viés da transgressão, já teremos dado a nossa modesta contribuição para o ensino de gêneros na escola.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica literária*. Tradução Grupo CASA. Bauru: Edusc, 2003.

BRANDÃO, Helena N. A articulação gêneros do discurso e ensino. In: FÁVERO, Leonor L. (org.). *Língua portuguesa, pesquisa e ensino*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007. v. II, p. 157-168.

BRUN, Edna P. *A inter-relação tipo e gênero na formação de alunos produtores de textos*. Campo Grande, MS: CCHS/UFMS, 2008. (Dissertação de mestrado).

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

\_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004.

CHAVES, Aline. Quel cadre théorique pour analyser l'intertextualité intragénérique dans le discours médiatique (presse e publicité)? Reflexions au tour de la notion de genre discursif. In: *Actes des XIèmes RJD268. Language e langue*. Paris III, 30-31 mai 2008.

DELL'ISOLA, Regina L. P. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto em Semiótica. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 163-173, 1995.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

LARA, Glaucia M. P. Mídia, gêneros do discurso e transgressão. *Revista Caligrama*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, dez. 2005/jan. 2006.

\_\_\_\_\_. A transgressão de gêneros em textos de publicidade e propaganda no Brasil/Genre Transgression in Brazilian Commercial and Informative Advertisement *Stockholm Review of Latin American Studies*. Instituto Latino Americano da Universidade de Estocolmo (Suécia), n. 2 (Mídia e transgressão: casos brasileiros), nov. 2007. (Disponível em: [www.lai.su.se](http://www.lai.su.se)).

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas-SP: Ed. UNICAMPO/PONTES, 1993.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, M. Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARI, Hugo; SILVEIRA, José Carlos C. Sobre a importância dos gêneros discursivos. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004.

MIRANDA, Florencia. Marcadores de gênero: uma pista para identificar a ficcionalização de gêneros textuais? In: *Anais do 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - IV SIGET*. Tubarão: UNISUL, 2007. p. 1045-1055. (Disponível em CD Rom).

## ANEXOS - TEXTOS PRODUZIDOS POR ALUNOS

### TEXTO 1: REFORMA ORTOGRÁFICA

#### INGREDIENTES:

- Letras *k*, *w* e *y*.
- Palavras com trema.
- Palavras com os ditongos abertos “oi” e “ei”.
- Palavras com duplo “o” e duplo “e” com acento circunflexo.
- Palavras com acentos diferenciais.
- Algumas palavras com hífen.

#### MODO DE PREPARO:

- Acrescente as palavras *k*, *w* e *y* ao alfabeto, que agora terá 26 letras. Retire de palavras como “tranqüilo” e “bilíngüe” o trema, mas conserve este sinal em palavras estrangeiras. Corte o acento agudo das palavras com os ditongos abertos “ei” e “oi”, como herói (heroi) e idéia (ideia). Corte também o acento circunflexo de palavras com duplo “e” e duplo “o” como crêem (creem) e vôo (voo). Retire os acentos diferenciais de palavras como pára (do verbo parar) - para e pêlo (substantivo) - pelo. Separe o hífen de palavras que começam com “s” ou “r”, como anti-semita (antisemita) e anti-religioso (antirreligioso).

**Dica:** Nessas palavras, as letras “s” e “r” devem ser dobradas. Reserve o hífen para palavras em que o prefixo termina em “r” ou “s”, como hiper-sensível e super-requintado.

- Bata todos os ingredientes no liquidificador, despeje numa gramática e coloque na geladeira. Sirva gelado para não esquentar a cabeça de ninguém.

#### TEMPO DE PREPARO:

- Mais ou menos 2 anos.

#### RENDIMENTO:

- 8 porções divididas para a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste).

→[Texto produzido pelas alunas: Bárbara do Vale, Daiane Evelyn, Denize Frade, Grace Alves e Taís Dutra.]

\*\*\*\*\*

### TEXTO 2: HORÓSCOPO DO ARIANO

Se a sorte puder ajudar  
E você ouvir o que digo  
Ariano ou ariana, filhos de Marte, prestem bastante atenção

Os assuntos materiais  
E as finanças hoje são a questão  
Olhe pra frente e verá seu futuro traçado  
Na palma de sua mão

Quanto ao trabalho, renove-se!  
Tudo vai de acordo com os objetivos traçados  
Deixe as angústias de lado e sorria pros de agora então

Amor, qual o quê?  
Ariano e ariana saibam,  
Contenham a emoção e o apego a quem se ama  
A liberdade e o respeito,  
É o que se deve fazer valer

→[Texto produzido pelas alunas: Alessandra Deusdete de Jesus, Ana Rachel Leão, Carolina Fonseca e Caterina Picorelli].

Para evitar o uso impróprio do medicamento, leia esta Bula com atenção

**Amortec®**  
amor fortalecedor

### TEXTO 3

#### FORMA FARMACEUTICA E APRESENTAÇÃO

Cápsulas 12mg: embalagens com 62 unidades

#### Uso oral

#### Uso adulto

#### COMPOSIÇÃO:

Cada cápsula de *Amortec®* 12mg contém:

amor fortalecedor (na forma triidratada compactada).....12mg

Excipientes q.s.p.....1 cápsula

#### INFORMAÇÕES AO PACIENTE:

##### Ação esperada do medicamento:

*Amortec®* é indicado para casos de carência e de falta de carinho. Embora apresente mimos excessivos em sua composição, há casos de meninos bobos que ainda se sentem judiados e pouco amados. Nesses casos, alie ao tratamento uma terapia intensa de beijos.

##### Cuidados de conservação:

Manter em temperatura ambiente (15° C a 30° C). Proteger da luz e manter em local seco.

##### Prazo de validade:

O número do lote e a data de fabricação estão impressos no rótulo do medicamento. Não é necessária a preocupação com a validade do medicamento. *Amortec®* foi especialmente desenvolvido para durar para sempre.

##### Gravidez e lactação:

Casos de gravidez podem causar turbulências no tratamento com amor fortalecedor. Porém não suspenda o tratamento, pois ele pode auxiliar em crises ocorridas nesse período. Em 8 semanas os maus sintomas tendem a desaparecer naturalmente.

##### Cuidados de administração:

Antes de iniciar o tratamento, deve ser feito exame geral detalhado, procurando eliminar qualquer suspeita de dúvida quanto ao amor e possíveis suspeitas de “enrolação”.

Siga a orientação do seu médico, respeitando sempre os horários, as doses e a duração do tratamento.

##### Interrupção do tratamento:

Após iniciado o tratamento não pode ser interrompido sem a autorização de seu médico.

#### TODO MEDICAMENTO DEVE SER MANTIDO FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS.

##### Reações adversas:

Informe ao seu médico o surgimento de ciúmes excessivos, insegurança, sensação de ausência de saudade, falta de atenção, dores fortes no peito, vontade de chorar e qualquer impressão que remeta a tristeza. Esses sintomas não são compatíveis com o resultado esperado pelo medicamento e caso ocorram deve ser investigado o motivo, possibilitando o aumento da dosagem.

##### Ingestão concomitante com outras substâncias:

*Amortec®* reage bem com substâncias alcoólicas, especialmente aquelas que criam clima de romance – como champanhe e vinho. Caso associe o tratamento a doses diárias de doces os resultados serão mais rápidos e mais eficazes.

##### Contra-indicações:

Durante o tratamento o paciente deve manter-se extremamente longe de tietes. Caso ele se encontre perto desse tipo de substância, o *Amortec®* perde sua eficácia e pode gerar efeito contrário, sendo extremamente prejudicial à saúde daquele que ingere a medicação e daqueles ao seu redor.

Caso o paciente se mantenha longe da fonte de amor por muito tempo, as reações esperadas irão diminuindo progressivamente, só normalizando quando a distância diminuir, retornando ao padrão esperado.

#### NÃO TOME MEDICAMENTOS SEM O CONHECIMENTO DE SEU MÉDICO. PODE SER PERIGOSO PARA A SAÚDE.

#### INFORMAÇÕES TÉCNICAS:

##### Características:

*Amortec®* possui amor fortalecedor, que em sua sub-fórmula apresenta muito amor (“eu te amo” em cápsulas vermelhas) e “motivos pelos quais eu te amo” (em cápsulas azuis).

Abaixo segue a lista detalhada dos motivos:

- Porque você me entende
- Porque você é meu melhor amigo
- Porque eu me sinto protegida com você
- Porque eu posso contar com você sempre

- Porque você me ama, mesmo quando eu estou errada
- Porque você me completa
- Porque quando eu te vejo meu coração dispara
- Porque você me ensina muitas coisas
- Porque temos ótimos momentos juntos
- Porque você sente bastante ciúme de mim
- Porque eu sinto só um pouquinho de ciúme de você
- Porque eu choro de saudade
- Porque você me faz chorar de alegria
- Porque você me aperta quando eu to com dor
- Porque você enxuga minhas lágrimas
- Porque você me faz sonhar acordada
- Porque, juntos, podemos não fazer nada e ainda assim ter momentos maravilhosos
- Porque juntos temos um sonho
- Porque nosso namoro é perfeito
- Porque eu só desejo você
- Porque só você pode me dar o que preciso
- Porque você é mais do que sonhei pra mim
- Porque quando fecho os olhos é você que eu vejo
- Porque nós somos o casal mais feliz do mundo
- Porque nós somos cúmplices um do outro
- Porque eu não tenho vergonha de você e posso ser eu mesma ao seu lado
- Porque ao seu lado, sinto-me a mulher mais completa
- Porque nosso amor cresce cada dia
- Porque você não desistiu de mim, mesmo depois de crises
- Porque você é meu menino, só meu
- Porque você é você

#### **INDICAÇÕES:**

Casos agudos de carência em garotos bobos que necessitam serem mimados a todo instante.

#### **PRECAUÇÕES E ADVERTÊNCIAS:**

Antes de iniciar o tratamento com *Amortec*® devem ser feitos exames e caso contestada a necessidade de tratamento com o medicamento, o paciente deverá passar constantemente por exames para a averiguação dos efeitos obtidos.

#### **Interações Medicamentosas:**

*Amortec*® não pode ser ingerido junto a nenhum outro tipo de amor ou carinho.

#### **Posologia:**

Ingerir primeiramente uma cápsula de “muito amor” (vermelha) para iniciar o tratamento. A partir de então ingerir nova cápsula de 12 em 12 horas, alternando-as (“motivos pelos quais eu te amo” - “muito amor” - “motivos pelos quais eu te amo”).

#### **Superdosagem:**

A superdosagem pode causar amor excessivo, saudade incontrolável e possíveis dores devido à carência. Somente o tempo poderá normalizar a situação.

#### **VENDA SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA**

→ [Texto produzido pela aluna Lívia Pimenta]

\*\*\*\*\*